



Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas  
Universidade Federal da Bahia

39

ANO 25, 2022.2

# REPERTÓRIO

# REPERTÓRIO

ISSN 2175-8131

REPERT. SALVADOR, ANO 25, N. 39, P. 1-252, 2022.2

Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas  
Universidade Federal da Bahia



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA (UFBA)**

REITOR:

**João Carlos Salles Pires da Silva**

VICE-REITOR:

**Paulo Cesar Miguez de Oliveira**

PRÓ-REITOR DE ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO:

**Sérgio Luís Costa Ferreira**

DIRETOR DA ESCOLA DE TEATRO:

**Hebe Alves da Silva**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS  
(PPGAC)**

COORDENAÇÃO DO PPGAC:

**Joice Aglae Brondani**

EDITORES-CHEFES

**George Mascarenhas e Ivani Santana**

ASSISTENTE EDITORIAL

**Cristina Alves de Macêdo**

EDITORES DE SEÇÃO

Persona: **Paulo Henrique Correia Alcântara**

Repertório Livre: **Thais Gonçalves e Carolina Natal**

Em foco (no. 39): **Nina Caetano e Sarah Marques**

CONSELHO EDITORIAL:

**Amilcar Borges, Anabelle Contreras Castro, Cassia Lopes, Cassiano Quilicci, Cleise Mendes, Deolinda Vilhena, Edilene Dias Matos, Enrico Pitozzi, Eduardo Bastos, Fernando Mencarelli, Flavio Desgranges, Gilberto Icle, Giuliano Campo, Glauco Machado, Isabelle Launay, Josette Féral, Leonel Carneiro, Lúcio Agra, Marcos Barbosa, Maria Constança Vasconcelos, Meran Vargens, Nara Keiserman, Renato Ferracini, Rosângela Pereira de Tugny, Sergio Andrade, Silvana Garcia, Walmeri Ribeiro.**

CONSELHO CIENTÍFICO

**Adriana Silva Amorim, Ariane Guerra Barros, Bia Cerbino, Celso de Araújo Oliveira Jr., Christina Gontijo Fornaciari, Daniel Moura, Eduardo Tudella, Eliana Rodrigues, Erminia Silva, Gil Vicente Barbosa de Marques Tavares, Gisela Dória, Ivanildo Lubarino Piccoli dos Santos, Júlio César de Souza Mota, Leonardo José Sebiane Serrano, Líria de Araújo Morais, Maicyra Leão, Máira Castilhos, Meran Muniz da Costa Vargens, Mônica Medeiros Ribeiro, Nayara Macedo Barbosa de Brito, Paula Alice Babtista Borges, Paulo Caldas, Rodrigo Morais Leite, Suzana Martins, Thales Branche, Yuri Magalhães.**

PROJETO GRÁFICO:

**Nando Cordeiro**

EDITORIAÇÃO:

**Zeta Studio**

REVISÃO E NORMALIZAÇÃO:

**EDUFBA**

IMAGEM DA CAPA:

Acervo: **Companhia de Teatro da UFBA**

Na foto: **Yumara Rodrigues em *O círculo de giz caucasiano***

**(B. Brecht) - 1998**

**REPERTÓRIO** é um periódico semestral do PPGAC/UFBA, estruturado nas seguintes seções:

/ Em foco: artigo ou conjunto de artigos de diversos autores, sobre a temática central do número (dossiê).

/ Persona: artigo sobre ou entrevista com personalidade do mundo artístico e acadêmico.

/ Repertório livre: texto ou conjunto de textos com temáticas e formatos variados, incluindo ensaios, resenhas, peças teatrais inéditas/traduições.

Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da UFBA.

Qualquer parte desta revista poderá ser reproduzida, desde que citada a fonte.

Os conceitos emitidos em textos assinados são de responsabilidade exclusiva de seus autores.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Biblioteca Nelson de Araujo, TEATRO/UFBA, BA, Brasil)

Repertório / Universidade Federal da Bahia. Escola de Teatro. Escola de Dança. Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas. – ano 25, n. 39 (2022.2)-  
– Salvador: UFBA/PPGAC, 2018-.  
252 p.;

Semestral

Continuada de: Repertório: teatro e dança.

ISSN 2175-8131

1. Teatro – Periódicos. 2. Dança – Periódicos.  
I. Universidade Federal da Bahia. II. Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas. III. Título.



PPGAC/UFBA/Escola de Teatro  
Avenida Araújo Pinho, 292 – Campus do Canela  
CEP: 40110-150 – Salvador/Bahia/Brasil  
Telefone: 55 (71) 3283-7858 – ppgac@ufba.br  
www.teatro.ufba.br/ppgac

## SUMÁRIO

FEMINISMOS E ESTRATÉGIAS ANTICOLONIAIS E DE(S)COLONIAIS NAS ARTES DA CENA

7

**Sarah Marques Duarte**  
**Nina Caetano**

### EM FOCO

ENSAIO SOBRE SERPENTES: UMA POÉTICA CÊNICA PARA DESFAZER POLÍTICAS DE MORTE

16

**Larissa Latif**

O EMBALO DO FILHO MORTO: MULHERES NEGRAS E A NECROPOLÍTICA NO PROCESSO DE CRIAÇÃO DA PERFORMANCE GIUSTIZIA, NON PIETÀ

40

**Yasmin Nogueira**

SOBRETUDO AMOR: DRAMATURGIA NO ENTRELAÇAMENTO DA ESCRITA DE SI E DA ESCRITA DE NÓS

61

**Mônica Santana**

TABLE FOR UPSIDE DOWN PRACTICES

86

**Vania Gala**

A ENCRUZILHADA CORPO-TAMBOR NA TRAJETÓRIA DA DANÇA AFRO-GAÚCHA DE MESTRA IARA

114

**Manoel Gildo Alves Neto**  
**Suzane Weber da Silva**

MULHERES ENCENADORAS EM REDE: ARTICULAÇÕES PARA PRÁTICAS ARTÍSTICAS FEMINISTAS

139

**Raquel Castro**  
**Júlia Camargos**

### PERSONA

YUMARA RODRIGUES: NA VASTIDÃO DO SEU PALCO ILUMINADO

161

**Cássia Candra**

## REPERTÓRIO LIVRE

BODIES IN DISSENT BETWEEN THE POLITICAL, THE PRIVATE AND THE TECHNOLOGICAL

174 **Andrea Pagnes**

DANÇA E CONHECIMENTO: ESTRATÉGIAS PARA O EMPODERAMENTO

204 **Marcelo de Maio Nascimento**

JOGO COREOCARTOGRÁFICO: REFLEXÕES SOBRE AUTORIA EM DANÇA NA CONTEMPORANEIDADE

222 **Alex Sander Silveira Almeida**  
**Thiago Silva de Amorim Jesus**  
**Claudio Tarouco de Azevedo**

NÃO PENSA, FAZ!

242 **Tiago Moreira Fortes**

TEATRO INTERCULTURAL E INTERPOLÍTICO: VENTOS GELADOS DO NORTE, VENTOS QUENTES DO SUL

259 **Irani Cippiciani**



EM FOCO

# FEMINISMOS E ESTRATÉGIAS ANTICOLONIAIS E DE(S)COLONIAIS NAS ARTES DA CENA

SARAH MARQUES DUARTE  
NINA CAETANO

DUARTE, Sarah Marques. CAETANO, Nina.  
Feminismos e estratégias anticoloniais e de(s)coloniais nas artes da cena  
Repertório, Salvador, ano 25, n. 39, p. **7-15**, 2022.2

DOI: <https://doi.org/10.9771/rr.v1i39.49188>

**O DESEJO DE REALIZAR** um dossiê sobre as relações entre feminismos e estratégias anticoloniais e de(s)coloniais e nosso campo de ação no mundo, as artes da cena, parte da observação em torno da força de tais discussões na contemporaneidade, bem como da necessidade de insistir numa orientação anticolonial/decolonial/descolonial para desdobrá-la, multiplicá-la, problematizá-la, virá-la do avesso e habitá-la a partir de experiências diversas. É preciso ouvir muitas, todes, mais e mais vozes, sussurros, gritos, gerar cruzamentos de olhares, encontros entre saberes, ações, sensibilidades, gestos, movimentos. Assim, rastreamos propostas que dão corpo ao não visível, indizível, ao inimaginável da colonialidade (a face oculta da modernidade) de gênero em suas diversas roupagens, caras e classes de violência. Ações corporíticas, corporalidades, corpografias, práticas e existências que operam em resistência aos mecanismos de modelização, normatização e disciplinamento do necrobiopoder. (BENTO, 2018)

Os trabalhos aqui reunidos, em sua totalidade convocam-nos a refletir sobre as heranças coloniais perpetuadas pelo capitalismo nos mais diversos âmbitos da existência: “do acesso sexual à autoridade coletiva, o trabalho, a subjetividade/ intersubjetividade e a produção de conhecimento desde o interior mesmo destas relações intersubjetivas”. (LUGONES, 2008, p. 79)

Trabalhos que abordam as feridas coloniais presentes nas múltiplas violências contra a população preta, pobre e periférica; as ficções coloniais; a violência policial; o crescente número de feminicídios; as lógicas de categorização/hierarquização



do corpo imigrante; o mito da democracia racial; a LGBTQIAP+fobia no Brasil, país que mais mata pessoas trans e travestis no mundo; entre tantas outras questões. Os artigos abordam problemáticas conectadas ao paradigma cisheteropatriarcal, antrope-falo-ego-logocêntrico, racializante, epistemicida, extrativista, individualizante, moderno/colonial, necropolítico, capitalístico, entre outros termos que precisam existir para nomear, tornar audíveis e visíveis as inúmeras opressões que constituem e estruturam as sociedades atuais e esgotam, cada vez mais, as condições de vida em nosso planeta. A urgência destas pautas gera uma proliferação de estudos, teses, encontros, festivais, exposições, feiras e mostras com temáticas que ecoam gritos de protesto contra as violências de um mundo em colapso e convocam-nos a imaginar, coletivamente, linhas de fuga, a projetar realidades em que a vida possa perseverar.

Apoiando-se em abordagens decoloniais, epistemologias do sul, cosmovisões de povos originários, saberes ancestrais, práticas vernaculares, propostas artísticas indisciplinadas, colaborativas e de perspectivas interseccionais, os trabalhos lançam-nos à reflexão em torno das opressões e estereótipos conectados à raça, gênero, classe e sexualidade. Apontam as hierarquias impostas pelo binarismo de gênero; a modelização da feminilidade e da masculinidade; as inscrições corpógraficas e os mecanismos de controle dos corpos; a dicotomia humano x natureza e suas consequências nefastas; a mercantilização da vida; a monetização de tudo o que existe; a exotização das diferenças; as invisibilidades produzidas pelo capital; o disciplinamento colonial dos desejos; a construção de imaginários; as vidas desumanizadas, animalizadas, encarceradas, em suma, vidas matáveis.

Denunciando, mas também anunciando, é possível reconhecer na poética situada dos trabalhos, uma implicação com a prática, com o fazer. Uma tomada de posição, um compromisso ético em gerar desvios, identificar brechas, possibilitar fissuras, conhecimentos corpóreos, incorpóreos e in-corpóreos, lacunas em que são fermentadas coreografias insurgentes. Compreendendo que “descolonizar a dimensão da arte implica descolonizar o olhar, o ouvir, a corporalidade, a pele” (SCHLENKER, 2019, p. 29), observamos práticas artísticas que apostam no encontro, na troca, no diálogo, no dissenso, na oralidade, na pausa, no compartilhamento de memórias, no resgate da ancestralidade, na intuição e na potência política dos afetos. Investigações que convocam o tato e o toque, a audição e a

escuta, o olfato e o faro, o paladar com seus saberes e sabores, que desorganizam, que interrompem, que investem no aberrante que se move e extrapola os espaços satélite da arte, instaurando-se no mundo, nas ruas, nas encruzilhadas, nas festas e frestas.

A partir da leitura dos textos perguntamo-nos sobre o título do dossiê em sua aderência às artes cênicas. Deveríamos modificá-lo, trocando o ‘artes da cena’, por ‘artes da presença’, ou por ‘artes do corpo’? Muitos dos textos problematizam aspectos do nosso campo, suas dinâmicas, silenciamentos, limites, estruturas e hierarquias. Em todos eles, evidencia-se o corpo como espaço político fundamental para questionar o cânone patriarcal das artes, para acionar operações desobedientes, contra disciplinares, indisciplinadas: ações que se afirmam nas fronteiras, à margem. Sem dúvida, é da experiência encarnada e situada de suas autorias que as ações e a escrita se manifestam aqui, afinal, é onde se pensa (MIGNOLO, 2010), onde se pisa, onde se ‘está-sendo’ corpo. Corpos que lutam, que resistem, que vibram, que gingham, que expressam, que sofrem, gozam, dançam, arriscam, que se rebelam e se abrem à tarefa de se desorganizar, pois, “no centro, encontra-se o corpo”. (MBEMBE, 2014, p. 291) Contudo, nossa decisão em manter no título “artes da cena” é também uma tentativa de sustentar esta questão como um problema de nosso campo de pesquisa e prática (indissociavelmente), posicionando-nos diante dela e mantendo-a como provocação: que marcas do sistema moderno-colonial de gênero perpetuam-se nas artes da cena?

Iniciamos com o trabalho de Larissa Latif, *Ensaio sobre serpentes: uma poética cênica para desfazer políticas de morte*, uma abordagem sensível e indisciplinar do processo de criação da artista-pesquisadora e dos encontros que o constituem. A pesquisa cênica de *Lindoneia*, que parte das obras *A Gioconda do Subúrbio* de Rubens Gerchman e *Lindoneia* de Caetano Veloso e Gilberto Gil, dos deslocamentos temporais, do nomadismo amazônico, do estrangeirismo e das inscrições corpográficas que condicionam a vivência sensível da autora, lançam-na numa ‘experienciação’ em que os entrecruzamentos históricos, culturais, políticos etc. alargam o horizonte de questões em torno da criação cênica. As ‘arapucas’ armadas pela artista em seu devir-cobra permitem que as ideias se acoplem e se tornem um *corpo-in progress* desterritorializante: artista-ciborgue-mulher-qui-mera-embusteira-prótese-máquina de guerra-cobra de arrasto, como a própria

superfície textual, ecdise que revela peles de sonhos, temporalidades, quimeras, encantamentos, fabulações, ancestralidades, memórias, deboches, performatividades, bichos, monstros, afetos sem fim.

Em seguida, *Embalado do filho morto: mulheres negras e a necropolítica no processo de criação da performance Giustizia, non pietà*, de Yasmin Nogueira, parte do processo de criação da autora, bem como da documentação e dos desdobramentos sensíveis da performance. A artista explicita suas referências, valora as experiências vividas como metodologia de investigação, os encontros com narrativas de vida de mulheres negras no contexto brasileiro, bem como com fragmentos autobiográficos, para refletir sobre o genocídio institucionalizado que faz dos corpos negros, descartáveis. Como reflete a autora, na divisão entre quem deve viver e quem deve morrer, ficcionaliza-se um inimigo a ser combatido. É este corpo marcado para morrer que Nogueira carrega em seus braços na performance *Giustizia, non pietà*, corpo executado e embalado silenciosamente, já que inaudível. corpo abjeto, objetificado, coisificado, animalizado, silenciado, subalternizado, escravizado, temido, perigoso, odiado, encarcerado, corpo de Amarildo, Cláudia Silva Ferreira, de Luana Barbosa dos Reis, de Marielle Franco, corpos de filhas de tantas, corpo que é ausência, morte de milhares, ontem e hoje. Em dororidade (PIEADADE, 2017) ao luto de tantas mães, a artista volta-se à imagética cristã e nos provoca a refletir sobre a seletividade da ‘justiça’ da modernidade/colonialidade. Como afirma Rita Segato (2019, p. 45):

Al observar el perfil racial y de clase de quienes son efectivamente sentenciados, es fácil percibir la selectividad de la justicia, es decir, en qué casos la así llamada ‘justicia’ llega a destino. Siempre son casos en los que sectores sociales pobres y no blancos quedan entre rejas; la ‘justicia’ continúa el trabajo del genocidio conquistual-colonial permanente, siempre renovado.

Também tornando tangíveis, sensíveis e visíveis as múltiplas expressões do projeto racista e necropolítico da modernidade/colonialidade, Mônica Santana escreve sobre e a partir do espetáculo *Sobretudo amor* (2017). O artigo articula noções como “escrita de si”, “escrita de nós”, “escrivivência”, “intimidade”, “ancestralidade”, “desaprendizagem”, “corpo-quilombo”, “encruzilhada”, “afro-fabulação” entre

outros, ao relato em torno de uma dramaturgia que “fala com”, produzida em visitas/entrevistas às mulheres negras. Identificando a linguagem como “máquina de força” (MBEMBE, 2014) que forja desejos, imaginários, sonhos, histórias, formas, imagens, narrativas, realidades etc., Santana afina a “escuta de si”, bem como uma “escuta de nós”, para deslocar os sentidos do mundo, transformando o “silêncio em linguagem e ação”. (LORDE, 2019, p. 52) Um discurso que se pensa, se problematiza e, fazendo-o, incorpora vozes historicamente inaudíveis, ininteligíveis, faz ouvir memórias, pensamentos, desejos e sonhos, traz a mulher negra para o primeiro plano do texto teatral. No corpo a corpo com a linguagem, a autora explicita a potência da palavra como “portadora de axé” (EVARISTO, 2008), bem como a batalha com os modos de escrita aceitos pelo ocidente, o desafio de escrever na língua do colonizador, linguagem que marca e mata.

A coletividade, a participação, a oralidade e o encontro, aspectos centrais na obra de Mônica Santana, possuem também relevo na obra *Table for Upside Down Practices* (2019) que dá título ao artigo de Vânia Gala. O texto aborda uma coreografia singular, coletiva, rizomática e conversacional que tem como motor um convite: posicionar-se “de cabeça para baixo”. Uma performance-não-performance de “tirar o chão”, aberta a perturbações, em que a opacidade, o oculto e o desconexo – em oposição ao imperativo da visibilidade, transparência, presença, operatividade e produtividade – são disparadores de encontros intensivos entre “eu” e “outres”. Um jogo, uma mesa de conversa, um mapa mundi de cabeça para baixo, palavras em crioulo de Cabo Verde, cartas-propostas de movimentos, cartões que deflagram iniciativas, acontecimentos. Raiz de gengibre para ver, tocar, comer e cheirar, convites ao diálogo, ao dissenso, à instabilidade, o desconhecer como forma de saber. A autora narra os desafios na realização da proposta e a dinâmica do jogo em articulação a conceitos como “nonperformance” de Fred Moten, ‘creole garden’ de Glissant, ‘polyphonic assemblage’ de Anna Tsing e ‘tentacular thinking’ de Donna Haraway.

Ancorando-se na “oralidade como fundamento africano na construção de conhecimentos”, o artigo *A encruzilhada corpo-tambor na trajetória da dança afro-gaúcha de Mestre Iara*, de Manoel Gildo Alves Neto e Suzane Weber da Silva, articula o conceito de “motriz cultural” e a noção de “estética nagô odara” à trajetória da artista gaúcha Maria Iara Santos Deodoro (1955-). Nos toques do tambor de

sopapo, nos batuques do sul do Brasil, vibra a Dança Afro-Gaúcha desenvolvida pelas práticas artístico-pedagógicas de Mestre Lara. Dança de refazimento de si, homenagem aos Orixás, à história/memória negra do Rio Grande do Sul, conferindo ao Grupo Afro-Sul de Música e Dança em Porto Alegre (1974-) um “sotaque peculiar”. Na encruzilhada corpo-tambor-memória ancestral, são evocados saberes estéticos-corpóreos, memórias africanas resguardadas na rítmica indissociável do “cantar-dançar-batucar-contar”. (LIGIÉRO, 2017) O trabalho contextualiza o surgimento do Afro-Sul nos movimentos e lutas antirracistas na década de 1970, a insurgência do Movimento Negro Unificado, bem como o surgimento de intelectuais e grupos artísticos ocupados em afirmar a presença negra no cenário cultural gaúcho.

Em sequência, o artigo *Mulheres encenadoras em rede: articulações para práticas artísticas feministas*, de Raquel Castro e Júlia Camargo, relata as atividades do encontro *Mulheres encenadoras em rede* (2021), iniciativa inédita em Belo Horizonte (MG) na proposição de mesas, oficinas, palestras performances, residências e podcasts em torno da atuação de mulheres artistas no campo da direção teatral na América Latina, com maior foco no Brasil. O evento foi produzido pelo coletivo de mesmo nome (2020-), que funciona como uma rede de pesquisa, criação e compartilhamento de mulheres artistas da área da encenação teatral. O trabalho lança mão de contribuições das teorias feministas em articulação à produção teatral feminista produzida por mulheres cis, pessoas trans e travestis. O texto expõe processos de criação, práticas pedagógicas, projetos, desdobramentos reflexivos e sensíveis nas propostas de artistas como Ave Terrena, Sara Rojo, Lucélia Sérgio, Onisajé, Wlad Lima, Cecília Maria Ferreira, Dodi Leal, Hérlen Romão, Gláucia Vandeveld, Maria Thais Lima Santos, Analu Diniz, Helena Mauro, Rita Clemente, Ione de Medeiros, Cida Falabella, Ju Pautilla, Marina Viana, Janaína Leite, entre outras.

Por fim, a seção *Persona* é dedicada à atriz, performer e ativista mexicana Violeta Luna (1943-) na entrevista *Cena e meios digitais: conversa com Violeta Luna* (março de 2021), realizada por Letícia Olivares e Stela Fischer (Rubro Obsceno). Impulsionadas pelo desejo de refletir sobre o fazer artístico de mulheres latino-americanas no contexto da pandemia de covid-19, as artistas abordam a rede *Magdalena Project*, a noção de prática “transfronteiriça” e o “entre” como lugar

que não se pode definir. Luna expõe as estruturas hierárquicas e patriarcais do meio teatral que a levaram a investigar a arte de *acción* em sua potência ativista, biográfica, contextual e experimental. A abertura à vivência de sua condição no mundo, o corpo como espaço político, como ponto de intersecção entre teatro e performance. Finalmente, o diálogo revela as possibilidades inauguradas pela comunicação virtual, suas potências, seus limites e contradições, os privilégios que revela e perpétua, bem como as dinâmicas sociais que instaura.

A abundância de materiais recebidos gerou a necessidade de realizarmos dois volumes do dossiê, o que demonstra a força que tais discussões possuem no presente e revelam as transformações em curso na cartografia sensível e epistêmica da contemporaneidade. Este é o primeiro deles e esperamos que o pensamento-corpo, que as vozes, sensibilidades, práticas e ideias oferecidas pelas artistas-autories que se propuseram a compartilhar seus processos de criação, reflexões, estratégias, movimentos e posicionamentos conosco, vibrem em muitos, como já o fazem em nós. Compreendemos que “o impossível da tarefa a faz urgente” (EUGENIO, 2019) e sentimo-nos potencializadas ao perceber que, apesar do tamanho da tarefa, as urgências se fazem audíveis, habitam e mobilizam a muitos.

## REFERÊNCIAS

BENTO, B. Necrobiopoder: quem pode habitar o Estado-nação? *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 53, 2018. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8653413>. Acesso em: 16 dez. 2023.

EUGENIO, F. Quase manifesto ante o irreparável. *Buala*, 13 dez. 2019. Disponível em: <https://www.buala.org/pt/mukanda/quase-manifesto-ante-o-irreparavel-2019>. Acesso em: 18 dez. 2023.

EVARISTO, C. Escrivências da afro-brasilidade: história e memória. *Revista Releitura*, Belo Horizonte, n. 23, nov. 2008.

LIGIÉRO, Z. Motrizes culturais – do ritual à cena contemporânea a partir do estudo de duas performances: Danbala Wedo (afro-brasileira, do Benin, Nigéria e Togo) e Sotzil Jay (Maia, da Guatemala). *Karpa*, Los Angeles, v. 10, p. 1-26, 2017.

LORDE, A. *Irmã Outsider: ensaios e conferências*. Tradução: Stephanie Borges. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

LUGONES, M. Colonialidad y Género. *Revista Tábula Rasa*, Bogotá, n. 9, p. 73-101, 2008. Disponível em: <http://www.revistatabularasa.org/numero-9/05lugones.pdf>. Acesso em: 25 jan. 2023.

MBEMBE, A. *Crítica da Razão Negra*. Tradução: Marta Lança. Lisboa: Antígona Editores Refractários, 2014.

MIGNOLO, W. *Desobediencia Epistémica: retórica de la modernidad, lógica de la colonialidad y gramática de la descolonialidad*. Buenos Aires: Ediciones del Signo, 2010.

PIEADADE, V. *Dororidade*. São Paulo: Nós, 2017.

SCHLENKER, A. Descolonizar a arte para retomá-la como expressão da vida. *Epistemologias do Sul: Dossiê Giro Decolonial*, v. 3, n. 1, Foz do Iguaçu: UNILA, p. 22-37, 2019.

SEGATO, R. Ningún patriarcón hará la revolución. Reflexiones sobre las relaciones entre capitalismo y patriarcado. In: GABBERT, K.; LANG, M. (ed.). *Cómo se sostiene la vida en América Latina*. Quito: Fundação Rosa Luxemburgo/Ediciones Abya-Yala, 2019.

**DUARTE, SARAH MARQUES:** Sarah Marques é artista, professora e pesquisadora, interessa-se centralmente pela poética insurgente de artistas latino-americanes. Doutora em Artes Cênicas (UFBA), professora do Bacharelado em Artes Visuais da UNESPAR e professora convidada do Programa de Pós-Graduação em Lenguajes Artísticos Combinados na Universidad Nacional de las Artes.

**CAETANO, Nina:** pesquisadora da cena contemporânea, performer e ativista feminista. Doutora em Artes Cênicas pela ECA-USP e pós-doutora pelo PPGAC-UFBA, é professora do PPGAC-UFOP, onde coordena, desde 2013, o NINFEIAS – Núcleo de INvestigações FEminIstAS (CNPq).